



Boas práticas para auxiliar pessoas com necessidades especiais

1. Deficiência visual



A deficiência visual é a perda ou redução da capacidade visual, com caráter definitivo. As limitações do campo visual abrangem não só a cegueira total, mas igualmente a visão parcial. No primeiro caso, a pessoa não vê, mas “sente” o que o rodeia através dos outros sentidos (tato, olfato, audição, gosto), em regra mais desenvolvidos.

No segundo caso, a pessoa não vê bem, mas possui visão residual. Apenas uma percentagem limitada de pessoas com deficiência visual é totalmente cega.

As pessoas com limitações visuais podem aprender Braille, o que lhes permite aceder à informação, utilizando os caracteres próprios daquela escrita. Para além do Braille, existem tecnologias áudio que permitem o acesso à informação.

As pessoas com limitações visuais podem aprender Braille, o que lhes permite aceder à informação, utilizando os caracteres próprios daquela escrita. Para além do Braille, existem tecnologias áudio que permitem o acesso à informação.



Boas práticas para auxiliar pessoas com necessidades especiais a este nível:

- Facilitar o contacto baseado numa contínua troca de informação oral;
- Possibilitar tocar nos objetos ou pessoas para uma melhor identificação;
- Iluminar com contrastes especiais que possibilitem um maior grau de autonomia
- Descrever de forma clara do meio físico que as rodeia, a fim de poderem detetar o caminho e os obstáculos para uma mais fácil deslocação;
- Facilitar o acesso a produtos de apoio (bengalas, cães de assistência, áudioguias, etc.);
- Receberem atenção prioritária, em caso de emergência.

2. Deficiência auditiva



A deficiência auditiva pode ocorrer em qualquer idade e pode estar relacionada com fatores de natureza hereditária ou congénita (malfor-mações/alterações morfológicas), bem como na sequência de alterações que se manifestam aquando do nascimento ou decorrentes de doenças ou acidentes. A consequência mais grave da deficiência auditiva é a dificuldade de comunicação relacionada com o desenvolvimento da fala e da língua. Muitos dos que têm dificuldades auditivas podem, igualmente, ter mais dificuldade na compreensão e na expressão oral.



Em alguns casos, as pessoas com deficiência auditiva podem aprender leitura labial, o que lhes permite compreender a língua falada através da leitura dos movimentos dos lábios do seu interlocutor. Dependendo do grau de incapacidade, podem usar próteses auditivas ou outros equipamentos de apoio, juntamente com o auxílio de sinais luminosos.

Internacionalmente utiliza-se a Língua de Sinais Internacional - Gestuno (designação de origem italiana que significa União das Línguas de Sinais).

Em Portugal utiliza-se, geralmente, a Língua Gestual Portuguesa (LGP).

Em alguns casos, as pessoas com deficiência auditiva podem aprender leitura labial, o que lhes permite compreender a língua falada através da leitura dos movimentos dos lábios do seu interlocutor. Dependendo do grau de incapacidade, podem usar próteses auditivas ou outros equipamentos de apoio, juntamente com o auxílio de sinais luminosos.



Boas práticas para auxiliar pessoas com necessidades especiais a este nível:

- Facilitar o contacto visual com o interlocutor;
- Iluminar convenientemente para que seja possível fazer leitura labial;
- Conhecer o básico de Língua Gestual Portuguesa ou Código de Sinais Internacionais;
- Possibilitar a utilização de um meio alternativo de informação e comunicação, caso não haja compreensão;
- Receberem atenção prioritária, em caso de emergência.

3. Deficiência motora



A deficiência motora resulta de uma disfunção física ou motora, a qual poderá ser congénita ou adquirida por doença ou acidente. Este tipo de deficiência poderá ser temporária ou permanente, dependendo da respetiva causa e poderá assumir uma maior ou menor gravidade. Pode, também, decorrer de lesões neurológicas, neuromusculares ou ortopédicas, afetando o indivíduo, no que diz respeito à sua mobilidade e coordenação motora.

Do conjunto de produtos de apoio disponíveis, destacam-se as canadianas, os andarilhos, as bengalas e as cadeiras de rodas manuais e elétricas.



Boas práticas para auxiliar pessoas com necessidades especiais a este nível:

- Informar sobre o grau de acessibilidade do lugar para onde se dirigem (degraus, rampas, elevadores, larguras das portas e existências de instalações sanitárias adaptadas);
- Prevenir o acesso total às infraestruturas e respetiva utilização;
- Disponibilizar ajudas técnicas e produtos de apoio (cadeiras de banho, rampas amovíveis, canadianas, andarilhos, etc.), para compensar as diversas barreiras que possam existir;
- Respeitar o ritmo das pessoas com mobilidade condicionada;
- Prever locais e assentos, ao longo de percursos longos, para descanso;
- Prever mecanismos adaptados para vencer desníveis, como escadas ou outros;
- Prever mecanismos adaptados para a transferência da cadeira de rodas para outro assento, quando necessário;
- Utilizar superfícies antiderrapantes para se evitarem quedas;
- Receberem atenção prioritária, em caso de emergência.



4. Deficiência intelectual



A deficiência intelectual é a designação que caracteriza os problemas que ocorrem no cérebro e levam a dificuldades de aprendizagem, de capacidade para pensar abstratamente, de capacidade de adaptação a novas situações, nas quais o conjunto de processos como memória, categorização, aprendizagem e solução de problemas, capacidade linguística ou de comunicação são afetados.

A deficiência intelectual é a designação que caracteriza os problemas que ocorrem no cérebro e levam a dificuldades de aprendizagem, ou outras.

Boas práticas para auxiliar pessoas com necessidades especiais a este nível:

- Facilitar a comunicação e o relacionamento interpessoal;
- Comunicar sem preconceitos e de forma natural;
- Incentivar a participação nas atividades de lazer e entretenimento;
- Utilizar simbologia fácil de entender e perceber em qualquer parte (pictogramas);
- Receberem atenção prioritária, em caso de emergência.